

## ARTE BRASILEIRA SOBRE PAPEL

O singelo título atribuído ao conjunto de obras reunido para essa exposição se justifica a partir de duas vertentes: a primeira é aquela que se sustenta pelo simples fato de integrarem a lista nomes inconteste no cenário das artes plásticas no Brasil do Século XX; a segunda se ampara na versatilidade de linguagem e na variedade de técnicas de que se valem esses artistas.

O acervo congrega Oswaldo Goeldi (1895-1961) – um mestre que merece o título não apenas pela excelência do seu ofício, mas sobretudo pelo exercício do magistério, sendo, nesse contexto, responsável pela formação de toda uma geração. Sob a influência desse artista, firma-se no Brasil uma importante tendência ao uso da linguagem comprometida com o Expressionismo. Goeldi é uma unanimidade como fundador da tradição da gravura no Brasil. Sua obra resulta da mescla magistral decorrente do aprendizado que ele trouxe de sua formação europeia com as mais profundas tradições da linguagem plástica de domínio popular.

Lívio Abramo (1903-1992) é outro destaque necessário. Contemporâneos, Goeldi e Abramo são nomes emblemáticos. Ambos exerceram sua influência comprometidos com anseios de justiça social, impregnando suas obras com o simbolismo dessa linguagem. A técnica irrepreensível desses dois mestres se exerceu por meio da xilogravura.

Entre seus destacados discípulos, surge Fayga Ostrower (1920-2001). Com marcante e variada atuação nos meios intelectuais brasileiros, a artista deixou a sua marca mais expressiva no exercício da xilo, honrando a tradição em que se fundou a Gravura no Brasil. A prova está na continuidade demonstrada nas obras de Marília Rodrigues (1928), Newton Cavalcanti (1930-2006) e de Maria Bonomi (1935), aqui também em exibição.

A pretensão destas anotações não é a de esgotar-se em comentários sobre cada um dos artistas que integram o conjunto de 60 obras agora reunido, mas é, sobretudo, a apresentar ao público um acervo que passeia pela produção artística brasileira, com maior destaque para a segunda metade do Século XX, que é o período onde se pode situar um robusto elenco, que vem trabalhando com excelência as mais variadas técnicas e linguagens, razão inclusive de ter o merecido reconhecimento internacional.

A gravura em metal está representada por Isabel Pons (1912-2002), Maria Leontina (1912-1984), Edith Behring (1916-1996), Renina Katz (1925), Anna Letycia (1929), Alfredo Volpi (1896-1988), Iberê Camargo (1914-1994), Milton Dacosta (1915-1988), Glauco Rodrigues (1929-2004), Rossini Perez (1932), Evandro Carlos Jardim (1935) – todos artistas que deixaram sua marca como mestres gravadores e, no caso de Volpi, Dacosta, Glauco Rodrigues e Iberê Camargo, ainda mais notórios pintores.

A coleção conta ainda com nomes que têm visibilidade em múltiplas mídias, sendo os mais destacáveis Anna Bella Geiger (1933) e Franz Krajberg (1921). Outro aspecto a ser considerado vem do fato de que muitas obras exibidas se valem da serigrafia como técnica. Dionísio del Santo (1925-1999) é um caso todo especial: jamais utilizou outro meio para o exercício do seu ofício exemplar.

Há uma razão capaz de justificar a escolha do papel como suporte: o fato de sermos artistas em busca de visibilidade num país de dimensões continentais. A repetição fiel e a possibilidade de democratização da imagem permitem que a expressão antes restrita a um pequeníssimo e privilegiado público possa alcançar se não a desejável popularidade, mas pelo menos um número muito maior de expectadores.

Luiz Dolino, curador da exposição